

“PRECISA-SE DE UM HOMEM PARA TODO O SERVIÇO DE CASA”: A PARTICIPAÇÃO MASCULINA NO SERVIÇO DOMÉSTICO CARIOCA (1880-1920)

“PRECISA-SE DE UM HOMEM PARA TODO O SERVICE DE CASA”: MALE PARTICIPATION IN DOMESTIC SERVICE IN RIO DE JANEIRO (1880-1920)

Resumo

Falar em serviço doméstico geralmente é remetê-lo exclusivamente ao serviço desempenhado por mulheres, em sua maioria negra, que exerciam todos os serviços de uma casa. Entretanto, produções acadêmicas vêm desvelando a complexidade do serviço doméstico ao redor do mundo, mostrando que a imagem de uma domesticidade exclusivamente feminilizada encobre realidades distintas. O que pensar quando o serviço doméstico, que é forjado como uma atividade feminina, é realizado por homens? Partindo deste questionamento, pretendemos, portanto, analisar a participação masculina no serviço doméstico carioca, no período de 1880-1920.

Palavras-chave: Serviço doméstico. Masculinidade. Rio de Janeiro.

Abstract

To talk about domestic service is to refer usually exclusively to the service performed by mostly black women who performed all the services of a household. However, academic productions have unveiled the complexity of domestic service around the world, showing that the image of an exclusive feminized domesticity masks different realities. What to think when domestic service, which is forged as a feminine activity, is performed by men? Based on this question, we intend, therefore, to analyze the male participation in the domestic service of Rio de Janeiro, in the period between 1880-1920.

Keywords: Domestic service. Masculinity. Rio de Janeiro.

Natália Batista Peçanha

Doutoranda em História pela UFRRJ.

E-mail: nataliahist@hotmail.com

Matias - Ora, vejamos se fizeste tudo quanto te encomendei.

Ruprecht - Está tudo bom. Muito bonito tudo! A gama muito macia.

Matias - O que compraste para o almoço amanhã?

Ruprecht - Rindfleisch.

Matias - Para que fostes comprar rim?

Ruprecht - Non, non é rim... é este gouveira, eu nomeio como se jama auf portuguische.

Matias - Que diacho é isto, então?

Ruprecht - Rindfleisch....esse picho que tem gapeira grande...poi, poi.

Matias - Ah! vaca, vaca.

Ruprecht - Faca, non, poi, poi.

Matias - O que mais?

Ruprecht - Gompri mais uma bosta de beixe.

Matias - Uma ova de peixe, queres dizer.

Ruprecht - Nein; um bedaco de beixe.

Gertrudes - Estás aí a usurpar as minhas atribuições. Sempre impliquei com homem que se mete com o governo da casa. Manda o criado embora; quando te sentares logo à mesa saberás o que há para comer. [grifo meu] (FRANÇA JUNIOR, 1870)

Dona Gertrudes é uma dona da casa, casada com o senhor Matias, que para lhe poupar, contratou um criado alemão chamado Ruprecht. No primeiro momento, a relação entre a patroa e o criado foi de encantamento ao observar o bom serviço prestado por seu serviçal – “Como está esta sala! É um brinco! Não há nada como o serviço de um criado estrangeiro” (Ibidem). Porém, esse encantamento não resistiu às confusões causadas pela dificuldade de entendimento entre os dois e ao fato do criado gerar uma situação, em que um segredo de família foi revelado – o joanete da filha de dona Gertrudes, Josefina, que estava preste a casar e não queria revelar esse “defeito de família” ao seu noivo, Arthur.

A comédia de costumes escrita por França Junior, e que foi encenada por vários anos no teatro

Fênix Dramática, mostra uma visão positiva dos criados estrangeiros como mais morigerados. No entanto, o aspecto que mais interessa para o momento é a visão acerca do trabalho doméstico sendo desempenhado por homens que, na visão de dona Gertrudes “usurpava” suas atribuições.

O tema do serviço doméstico, nos últimos anos, vem ganhando fôlego, com pesquisas que demonstram as relações envolvendo criados/as e patrões/oas. As discussões acerca do conceito de serviço doméstico para ultrapassar a ideia de domesticidade, entendida como lar, ambiente privado, têm ganhado um espaço cada vez maior, com destaque às questões políticas, envolvendo os projetos para a regulamentação do serviço doméstico que se avolumaram a partir da década de 1880. E, que colocavam sobre a mesa de discussões o receio da elite aristocrática em relação às novas relações de trabalho e a enxurrada de trabalhadores livres que afrouxavam essa relação marcada pela “proteção e obediência”.¹

Internacionalmente, as pesquisas sobre o serviço doméstico também vêm se avolumando. A história global do trabalho revitalizou este campo de estudo ampliando as produções, sobretudo em regiões do chamado Terceiro Mundo, como a Índia, que vem contribuindo com importantes trabalhos sobre o serviço doméstico no período pós-colonial.²

Em alguns países africanos importantes trabalhos vêm sendo desenvolvidos. Aproveitando-se

1 Sobre esse tema ver: Graham, Sandra Lauderdale. (1992). *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. tradução de Viviana Bosi. São Paulo: Companhia das Letras; Souza, Flávia Fernandes de. (2010) *Para casa de família e mais serviço: o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX*. Dissertação de mestrado. São Gonçalo/RJ: UERJ-FFP/PPGHS; Cunha, Olívia Maria Gomes da. (2007). *Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição*. In. (orgs.) Cunha, O. M G da e Gomes, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV; dentre outros trabalhos.

2 Referente as pesquisas desenvolvidas internacionalmente podemos destacar uma mesa específica sobre o serviço doméstico no Sul Global realizada na III Conferência Internacional “Mundos do Trabalho”/ VII Seminário Nacional de História do Trabalho, ocorrida em novembro de 2014. A mesa coordenada pelo professor Henrique Espada Lima (UFSC) era intitulada: “Domestic Service in the Global South: a historical approach” e tinha como palestrantes: Nitin Varma (re:work – Humboldt University) – “Slaves or Servants: Domestic Service in early 19th century Índia; Nitin Sinhá (University of York) – Domestic Servants in early colonial Índia, 1750s-1850s” e; Norma Claire Moruzzi (University of Illinois at Chicago) – “Food as a Social Relation: Skilled Household Labor and the Question of Iranian Women’s Economic Participation”.

das experiências masculinas no serviço doméstico, que nestes países são superiores às femininas, trabalhos como o do pesquisador brasileiro Valdemir Zamparoni (2007), que analisou o serviço doméstico em Moçambique e o de Janet Bujra (2000), para o caso da Tanzânia, dentre outros, apresentam contribuições significativas para a relativização da associação entre domesticidade e feminilidade como algo intrínseco, bem como observam o fenômeno do serviço doméstico sob o viés dos conflitos de gênero e classe.

Entretanto, ainda que no Brasil o serviço doméstico tenha sido desenvolvido mormente por mulheres, carecemos de pesquisas que se debruçam pela experiência masculina. Esse enfrentamento, já teve seu primeiro passo dado pelas Ciências Sociais, onde há destaque para os trabalhos de Alda Britto da Motta (1992) e o realizado em conjunto por Cristina Bruschini e Sandra Ridenti (1995). Ambos os trabalhos, o primeiro da década de 1980³ e o segundo na década de 1990, realizaram uma análise sobre a participação masculina no serviço doméstico no período contemporâneo à elaboração da pesquisa. De acordo com Bruschine e Ridenti, ao entrevistar trabalhadores domésticos do sexo masculino, elas perceberam que ao contrário das mulheres, que possuíam sua identidade profissional e familiar muito tênue; no caso dos homens, eles conseguiam realizar separação do profissional do familiar, mesmo quando o empregado doméstico residia no local do trabalho (BRUSCHINI e RIDENTI, 1995: pp.368-369). Ainda segundo as autoras:

Contrastando com a história das trabalhadoras, que quase sempre optaram pela atividade domiciliar movidas pelo desejo de conciliar os encargos familiares com a necessidade e a vontade de complementar a renda familiar, os trabalhadores escolheram livremente exercer seu trabalho no domicílio. Obviamente, essa opção não é todo livre de pressões se for considerada que, para a maioria, trabalhar em casa representa quase sempre economia nos custos com a infraestrutura necessária para realizar a atividade (...) (Ibidem: p.374)

Esses trabalhos são importantes para que possamos ter uma visão de como esses empregados se percebiam em relação aos conflitos de gênero e classe, visto que, para a História, sobretudo para a virada do século XIX para o XX, o recurso da entrevista realizada hoje não seria mais viável, sendo necessária a busca de outros recursos para a visualização das agências desses trabalhadores. Além disso, muitas das questões postas por essas autoras podem ser pertinentes aos estudos históricos, pois problemas enfrentados por trabalhadores domésticos nos dias atuais refletem questões que também foram enfrentadas por esses trabalhadores da virada do século XIX para o XX. Dentre os problemas enfrentados podemos apontar as relações pessoalizadas entre patroas/ões e empregadas/os, as diversas formas contratuais, estigmas associados às criadas, como aquela que mantém relações sexuais com seu patrão, ou que vigia a intimidade dos patrões, por exemplo.

Portanto, com o intuito de contribuir com a historiografia sobre o serviço doméstico carioca é lançado o desafio de analisar a participação masculina nesta atividade, visto que apesar de pesquisadoras como Flávia Fernandes de Souza, Olívia Maria Gomes da Cunha e Sandra Graham terem mencionado a significativa participação desses trabalhadores no serviço doméstico, é reconhecida a necessidade da realização de uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto (SOUZA, 2015: p.292).

Assim, amparando-me em fontes, tais como anúncios presentes em jornais de grande circulação, como o *Jornal do Comercio*, pretendemos focar a participação masculina dentro do contexto doméstico carioca. Uma vez que através da prática de se alugar ou ofertar criados/as nas páginas dos principais jornais da época é possível ter acesso às particularidades do mundo do serviço doméstico carioca. Quais profissões eram as mais demandadas por sexo? Quais características físicas e morais eram levadas em conta na hora da contratação? Dentre outros aspectos que permitem desvelar as especificidades e complexidades de uma das atividades do mundo do trabalho mais importantes.

3 A versão da revista foi inicialmente apresentada ao GT “A mulher na força de trabalho”, XII Encontro Anual da ANPOCS, 23 a 27.10.1989, Caxambu/MG. MOTTA, Alda Brito. Emprego doméstico: Revendo o Novo. *Caderno CRH*, n. 16, p. 31-49, jan/jun, 1992.

A participação masculina através dos anúncios

O serviço doméstico era uma das atividades que mais arregimentava trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro. Na tabela abaixo é apresentado um panorama da quantidade de trabalhadores/as domésticos/as em relação à quantidade total de habitantes do Rio de Janeiro (Distrito Federal), nos primeiros anos republicanos.

Tabela 1

Total de homens e mulheres trabalhando no serviço doméstico – Rio de Janeiro (DF)			
	1890a	1906b	1920c
Serviço doméstico	74.785	117.904	71.752
Total de habitantes	280.701	811.443	1.157,873

Fontes: a) Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento Geral da 1ª República dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890.*(Districto Federal). Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

b) Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento da cidade do Rio de Janeiro (Districto Federal)*. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1907.

c) Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brasil realizado em 01 de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1923. 1920

Como podemos observar nos registros coletados nos recenseamentos apontados, a atividade do serviço doméstico compunha uma parcela significativa do total de habitantes. Em 1890, cerca de 30% da população foi registrada como domésticos/as; assim como 14,9% da população carioca, de 1906; e 6,2%, no período de 1920. Esse decréscimo justifica-se pelo desenvolvimento em setores do comércio e indústria que concorreram para a diminuição de pessoas se ocupando em atividades domésticas. Somando-se a isso, o aperfeiçoamento das coletas de dados nos recenseamentos (DGE, 1923: p.162). De acordo com o censo de 1920, é possível que os anteriores tenham superestimado a quantidade de servidores/as domésticos/as, ao registrarem indevidamente menores de 15 anos ou mulheres “que viviam a cargo de um chefe de família” na rubrica de servidoras domésticas. (Ibidem, pp.109-110) Todavia, apesar das possíveis imprecisões em relação ao real quantitativo de criadas/os é importante notar que esta era uma profissão que ocupava uma parcela

importante da sociedade carioca, incluindo a participação masculina.

Tabela 2

Divisão sexual do trabalho no serviço doméstico – Rio de Janeiro – 1906 e 1920 (serviço doméstico*)			
	Homens	Mulheres	Total
1906a	23.174	94.730	117.904
1920b	12.857	58.895	71.752

* Classificação apresentada nos recenseamentos citados

Fontes: a) Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento da cidade do Rio de Janeiro (Districto Federal)*. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1907.

b) Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brasil realizado em 01 de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1923. 1920.

Nos dados apresentados, observa-se que em 1906, 19,6% dos/as criados/as eram do sexo masculino, dado que não se altera muito no censo de 1920, onde cerca dos 18% dos/as criados/as eram homens, o que corresponde a oitava atividade que mais arregimentava trabalhadores do sexo masculino no ano de 1920.

Analisando os anúncios podemos também verificar como se dava a demanda e a oferta de criadas e criados ao longo do período de 1882 a 1922.

Tabela 3

Quantidade de demanda por servidoras/es domésticas/os respeitando a categoria sexo (1882-1922)										
	1882	1887	1892	1897	1902	1907	1912	1917	1922	Total
Mulher	65	69	98	65	59	74	170	16	9	625
Homem	21	23	75	26	39	14	21	3	1	223
Homem ou mulher			2	2	1		1			6
Não ident.	2	1								3
Total	88	93	175	93	99	88	192	19	10	857

Fonte: Tabela confeccionada a partir de anúncios recolhidos no *Jornal do Commercio* (1882-1922). Foram analisados os anúncios da primeira segunda-feira de novembro de cada ano apontado, devido a quantidade de anúncios que se apresentava em um único exemplar.

Tabela 4

Quantidade de oferta por servidoras/es domésticas/os respeitando a categoria sexo (1882-1922)										
	1882	1887	1892	1897	1902	1907	1912	1917	1922	Total
Mulher	113	10	55	59	29	31	58	26	3	384
Homem	47	2	20	42	13	11	11	12	2	160
Total	160	12	75	101	42	42	69	38	5	544

Fonte: Tabela confeccionada a partir de anúncios recolhidos no *Jornal do Commercio* (1882-1922). Foram analisados os anúncios da primeira segunda-feira de novembro de cada ano apontado, devido a quantidade de anúncios que se apresentava em um único exemplar.

Como podemos observar na tabela referente à demanda por criadas/os, até 1902 a porcentagem de criados homens em relação à demanda por criadas mulheres girava em torno de 24% a 40% , o que pode ser explicado pela quantidade de escravos e libertos disponíveis na cidade nesse momento pré e pós-abolição. Flávia Fernandes de Souza identificou, ao analisar o serviço doméstico no período de 1870 a 1890, que essa participação masculina era algumas vezes equilibrada com a participação feminina. Isso ocorria devido a uma estreita relação com o sistema de trabalho escravo, uma vez que muitos cativos do sexo masculino eram dispostos em diversas atividades domésticas. Como podemos observar, na freguesia de Candelária, onde o censo de 1872 demonstra uma presença masculina superior à feminina.

Tabela 5

Trabalhadores domésticos do Município do Rio de Janeiro: 1872							
Freguesia	Brasileiros		Estrangeiros		Escravos		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Candelária	178	204	88	89	826	532	1.917

Fonte: Tabela inspirada na Tabela XLII do livro: Soares, Luiz Carlos.(2007) *O “Povo de Cam” na Capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Faperj – 7 Letras. p.414.

Esta não era a regra. Conforme Olívia Maria Gomes da Cunha, o serviço doméstico era composto, em sua maioria, por mulheres e isso se dava ao fato de que elas, sejam livres ou escravas, eram responsáveis pela mediação dos ambientes domésticos e públicos, “por transpor com mais permissividade as fronteiras da intimidade da família patriarcal , ganhando as ruas”. Ainda de acordo com a autora, ao contrário dos homens, as mulheres eram mais afeitas “à aparente leveza das tarefas do lar e supostamente mais inofensivas aos segredos familiares”. (CUNHA, 2007: p.380). Por outro lado, esse compartilhamento de intimidade entre criadas e patrões geravam preocupações, sendo as criadas, muitas vezes, vistas como potenciais perigos.

Assim, uma explicação para a escolha de um criado em relação a uma criada, poderia advir de um possível “medo” que as patroas possuíam da sexualidade das mulheres negras, que correspondiam a maior parcela de ocupação

do serviço doméstico, ainda que os censos do século XX silencie essa presença. Esse “medo” era realimentado pela imprensa e pela *intelligentsia* brasileira que disseminava imagens pejorativas dessas trabalhadoras associando-as à prostituição, ao adultério, como podemos observar na canção *O Penduricalho*, publicada no jornal *O Rio Nu*.

Ora vejam que massada,
Toda a gente anda debanda,
E tem dado real trabalho!
Porque uso na corrente
Este doirado pingente,
Que chamam – penduricalho
(...)
Tendo em casa uma creoula,
Cozinheira nada tola,
Que, sahindo do borralho,
Veiu da sesta acordar-me,
Dannadamente a puxar-me
O pobre penduricalho.

Depois do caso passado,
P’ra não ser desrespeitado,
Metto na negra o vergalho,
Vendo depois com atenção,
Todo sujo de carvão
Estava o penduricalho.

E a mulher, desesperada,
Quis despedir a criada
Mas o furor atalho
Entregando-lhe com jeito,
Inteirinho e sem defeito,
O nosso penduricalho.

Mas tinha razão de sobra
De ficar como uma cobra,
E por isso não lhe ralho
Quer-lhe um bem! ...Já é mania,
Limpa três vezes por dia
O bello penduricalho
(...) (Boticário, 1900:p.3)

Apesar do sexo com uma mulher negra, neste caso, ser associado a uma prática “suja”, essa como muitas outras representações associam a criada negra como aquela que está “a servir” seu patrão, não só nos afazeres domésticos, mas também sexualmente. Talvez, esse imaginário da negra como representação de excessos sexuais, possa ter contribuído para algumas famílias contratarem homens ou criadas brancas para os serviços de casa. Entretanto, não podemos perder de vista que a maior parte do contingente de trabalhadores domésticos eram de cor. Em 1882, por exemplo, encontramos no *Jornal do Commercio*, quinze ofertas de cozinheiras de cor, enquanto só havia três brancas.⁴

Em relação a presença masculina no serviço doméstico, consideramos que sua participação, também refira-se à própria indefinição do serviço doméstico que o alargava em relação aos espaços em que tais atividades poderiam ser exercidas.

A definição de serviço doméstico, que era discutido, inclusive na Câmara Municipal no último quartel do século XIX, era o baseado no Código Civil português que, em seu artigo 1.270, estabelecia o trabalho doméstico como aquele “*prestado por um indivíduo a outro que com ele convive, mediante retribuição*”⁵. Apesar de ter sido importado e incorporado por vereadores que propunham projetos de regulamentação do serviço doméstico, o artigo 1.270 se mostrou profundamente abrangente e impreciso. Num primeiro momento, o trabalho doméstico era definido como uma atividade que era “*prestad[a]o por um indivíduo a outro*”, o que, neste caso, poderia ser exercido por qualquer outra atividade, como por exemplo, a de

4 *Jornal do Commercio*, 06 de novembro de 1882.

5 AGCRJ. Divisão de Pesquisa. Biblioteca. *Boletim da Ilustríssima Câmara Municipal da Corte* (contendo todos os trabalhos relativos aos meses de julho, agosto e setembro de 1888). Rio de Janeiro: Tipologia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1888 p. 65. Como pessoas que recorreram ao Código Civil português para definir o serviço doméstico, podemos citar o vereador e médico Antônio Dias Ferreira, que em 1888, lançou mão da definição defendida pelo Código, para esclarecer possíveis dúvidas, em relação às atividades que fariam parte da alcunha de serviço doméstico. Ver. SOUZA, Flávia Fernandes de. *Op. Cit.* Pp. 123-124.

primeiro caixeiro⁶. Por outro lado, ao concluir a definição apontando para a questão das relações estabelecidas entre as partes, o Código delimitava e definia o serviço prestado pelas/os criadas/os, a partir dos laços de convivência e não em relação ao local exercido, dando margem a definições que ampliavam os locais de trabalho dos criados de servir, que eram definidos como:

(...) toda a pessoa de um ou outro sexo que mediante salário, tiver ou tomar a profissão de cozinheiro, copeiro ou moço de hotel, de casa de pasto, de hospedaria, de botequim, ou de hortelão, ama seca, ama de leite, de cocheiro, lacaio [incompreensível] e em geral de qualquer serviço doméstico.⁷

Assim, era possível verificar em anúncios a demanda e a oferta de criados para restaurantes, casas de pasto, casas de comércio, dentre outros estabelecimentos, que não só casas de família.

Aluga-se um bom copeiro, para casa de comercio; na rua dos Andradas n. 87, escritório. (JC, 1882)

Precisa-se de um pequeno para limpar talheres; na rua do Senador Eusebio n. 2, hotel Caboclo (JC, 1892)

Aluga-se um perito copeiro português, para hotel ou casa de grande tratamento; na rua do Catete n. 83 (JC, 1897)

6 O questionamento feito ao vereador e médico Antônio Dias Ferreira, sobre se a função de primeiro caixeiro faria parte da categoria serviço doméstico, pode ser explicado pela ampliação das tarefas feitas pelo caixeiro. Eles possuíam diversas atribuições: “*atendia o balcão, pesava, embrulhava, vendia, organizava e carregava; era responsável, também, pelos livros de contas e letras. Além disso tudo, era ele quem fazia a limpeza e a arrumação. Ou seja, a maioria deles fazia de tudo um pouco nas pequenas lojas.*” Soma-se a isso o fato de que, assim como os servidores domésticos, a função de caixeiro também era um cargo de confiança, e, geralmente, era mantido um laço de familiaridade, visto que muitos eram parentes ou conhecidos da família. Ver: Popinigis, Fabiane. (2007). *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. pp.34-35.

7 AGCRJ. Projeto para Regulamentação do serviço doméstico apresentado por João Braulio Muniz Altera o Dec. N. 45 de 24 de outubro de 1896 e dá regulamento ao Dec. N. 284 de 15 de junho de 1896 que cria a matrícula geral de serviço doméstico da Capital Federal. 1903.

Aluga-se um bom cozinheiro de forno e fogão, para cozinhar em casa comercial; na rua da Lapa n. 47 (JC, 1912)

Aluga-se um cozinheiro para pensão, hotel ou casa de família, dando boa conduta; na rua do Catete n. 393, telefone numero 2.649. (JC, 1917)

Os serviços de cozinha, tais como cozinheiro, ajudante de cozinha, lavadores de talheres, pratos e xícaras, eram as atividades mais demandadas e ofertadas para esses estabelecimentos comerciais. Para que haja compreensão do contexto, foi realizada uma amostragem na qual são identificadas as demandas por cozinheiros e copeiros em casas de famílias e casas comerciais. No exemplar selecionado, para 1882 foram anunciados, na categoria aluga-se: 14 cozinheiros e 20 copeiros para casa de família; para algum tipo de casa comercial, foram anunciados mais 4 cozinheiros e 3 copeiros. Em 1892, 7 cozinheiros e 6 copeiros foram alugados para casa de família; para casas comerciais foram anunciados os aluguéis de 3 cozinheiros e 4 copeiros. Esses exemplos são apenas para ilustrar que a participação masculina no serviço doméstico não se dava somente pela via do trabalho residencial.

Por fim, outro dado que merece destaque é em relação às diferenças salariais entre homens e mulheres no serviço doméstico. Ao analisarmos os anúncios de jornais, nos deparamos com formas contratuais diversas, bem como pudemos verificar as diferenças salariais em relação às atividades desempenhadas, as idades dos trabalhadores e em relação ao sexo.

A atividade mais valorizada e bem remunerada era a de cozinheiro/a. Para termos uma noção, em 13 de maio de 1915, foi anunciada no Jornal do Commercio, uma cozinheira que sabia fazer massas, doces e gelado, e que lhe seria pago 100\$ e havia, também, uma mulher branca para copeira e arrumadeira, ganhando apenas 40\$. Todavia, quando os anúncios traziam homens e mulheres, as especializações não eram as únicas variantes para uma diferença salarial.

Aluga-se, uma senhora branca, de meia idade para cozinhar ou outro serviço doméstico por 25\$, na rua do Espírito Santo n. 21 (JC, 1880)

Aluga-se um preto perfeito cozinheiro de forno, fogão; fiel e bem comportado, por 35\$ (Ibidem)

Aluga-se, por 35\$, um escravo bom cozinheiro (Ibidem)

Aluga-se, de casa particular, um moleque copeiro, de 17 anos, seu aluguel é de 30\$, pagos adiantados. (JC,1881)

Aluga-se uma preta que cozinha, lava e engoma, por 30\$ (Ibidem)

Aluga-se uma preta perfeita cozinheira, engomadeira e lava, por 30\$ (Ibidem)

Para equiparar a sua remuneração a dos homens, mulheres precisavam trabalhar mais que eles, ou seja, para ganhar os mesmos 30\$ que um moleque copeiro, que geralmente pela idade e pela atividade já ganhariam menos, elas precisavam cozinhar, lavar e engomar.

Desta forma, o que depreendemos destas informações é que a ambígua definição das relações de trabalho, abrangendo atividades públicas e/ou privadas, evidentemente ampliavam a participação de homens no serviço doméstico. Entretanto, o que se deve ter como ponto fulcral para as análises, mais do que os espaços de trabalho, é a natureza das relações construídas sobre a alcunha de *domesticidade*, que de acordo com Olívia Maria Gomes da Cunha, não pode ser explicadas simplesmente como uma herança da escravidão.

Ao contrário, sua centralidade crescente no imaginário social pós-emancipação esteve ligada a um contexto no qual noções como o de cidadania e de direitos invadem esferas públicas e, preponderantemente masculinas, deixam aquelas de tipo doméstico serem contaminadas pelas expressões pessoais, femininas, indiossincráticas e íntimas. (CUNHA, 2007: p.383)

Apesar de o espaço doméstico salientar uma ideia de suspensão das diferenças, pelo contrário, nele as diferenças e desigualdades são realimentadas sob a

alcunha de pessoalidade. E nesse jogo, hierarquias como as de gênero, não só entre desiguais, ou seja, patrões e criadas, mas também entre serviçais são vivenciadas e experimentadas, por exemplo, em diferenças salariais, entre gêneros.

Em suma, o que quisemos apresentar aqui é que, apesar de inferior, a participação masculina foi significativa no cenário do serviço doméstico carioca, sobretudo pela abrangência do conceito de serviço doméstico, neste momento estudado, permitindo, com que, em um momento em que a expansão comercial e desenvolvimento urbano ainda davam os primeiros passos, esse fosse um espaço de inserção de muitos homens pobres no mercado de trabalho.

Referências

Fontes

BIBLIOTECA NACIONAL – BN

Jornal do Commercio – JC

Seção de Anúncios, dias:

13 de maio de 1880.

13 de maio de 1881.

04 de novembro de 1882.

06 de novembro de 1892.

07 de novembro de 1897.

03 de novembro de 1912.

05 de novembro de 1917.

O Rio Nu

Boticário. O penduricalho. In. Theatro d'O Rio Nu. 1900.

ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – AGCRJ

AGCRJ. Divisão de Pesquisa. Biblioteca. *Boletim da Ilustríssima Câmara Municipal da Corte* (contendo todos os trabalhos relativos aos meses de julho, agosto e setembro de 1888). Rio de Janeiro: Tipologia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1888

AGCRJ. Projeto para Regulamentação do serviço doméstico apresentado por João Braulio Muniz Altera o Dec. N. 45 de 24 de outubro de 1896 e dá regulamento ao Dec. N. 284 de 15 de junho de 1896 que cria a matrícula geral de serviço doméstico da Capital Federal. 1903.

IBGE

Directoria Geral de Estatística (DGE). *Recenseamento da cidade do Rio de Janeiro (Districto Federal)*. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1907.

Directoria Geral de Estatística. (DGE). *Recenseamento do Brasil realizado em 01 de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1923. 1920.

Bibliografia

BUJRA, Janet. *Serving Class. Masculinity and the feminisation of domestic servise in Tanzania*. London: Edinburgh University Press for the International African Institute. 2000.

BRUSCHINI, Cristina e RIDENTI, Sandra. Trabalho domiciliar masculino. *Estudos Feministas*. N. 2/1995.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição*. In. (orgs.) CUNHA, O. M G da e GOMES, Flávio dos Santos. Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. tradução de Viviana Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

JUNIOR, França. *O defeito de família*- representada pela primeira vez na Fenix Dramatica em 25 de setembro de 1870. Disponível em: www.biblio.com.br.

MOTTA, Alda Brito. Emprego doméstico: Revendo o Novo. *Caderno CRH*, n. 16, p. 31-49, jan/jun, 1992.

POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SOARES, Luiz Carlos. *O “Povo de Cam” na Capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Faperj – 7 Letras, 2007.

SOUZA, Flávia Fernandes de. *Para casa de família e mais serviço: o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX*. Dissertação de mestrado. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Magali Gouveia Engel. São Gonçalo/RJ: UERJ-FFP/PPGHS, 2010.

_____. Trabalho doméstico: considerações sobre um tema recente de estudos na História Social do Trabalho no Brasil. *Revista Mundos do Trabalho*. Vol.7, n.13, jan.-jun. de 2015. P. 292

ZAMPARONI, Valdemir. *De escravo a cozinheiro: Colonialismo e racismo em Moçambique*. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2007.

Recebido em: 28/02/2017.

Aceito: 12/06/2017.